

## APRESENTAÇÃO

A monocularidade é uma deficiência que faz parte de toda minha vida, a cegueira em um dos olhos e a perda progressiva do outro, foi motivo por muito tempo ignorado por mim. Como aprendi logo na infância a ser meio-cega, ser meio-homem ou meio-mulher, antes de tornar-me uma sujeita inteira, naquele momento também não me faziam sentido, os atravessamentos sobre a travestilidade, territorialidade, trans-parentalidade, a racialidade latina e a condição migrante – recorrente em narrativas das mulheres trans e travestis de minha geração. Guedes (2014) apresenta em seu texto de mulher cisgênera, surda e lésbica que sua pesquisa se baseava em “uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência”, assim, um dossiê com os corpos marcados pelas apreensões capacitistas, torna-se solo fértil em aliança firmada entre pessoas LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais e pessoas Intersexo) e trans (enquanto termo guarda-chuva para mulheres trans, homens trans, transmasculines e pessoas não binárias) e travestis com deficiência.

Não sei afirmar quando ao certo a compreensão destas percepções se fixam ou atravessam as nossas histórias e, portanto, percebe-las como memória e produção de arquivo para grupos atravessados por uma ou mais identidades. Não é tarefa fácil encontrar trabalhos científicos que reúnam sexualidades, gêneros e deficiência e não é de nosso conhecimento um dossiê que reúna as palavras travesti e deficiência, o que apresenta por si fator essencial para a produção de arquivo.

Assim, duas interpelações lançadas com escolhas teóricas ao longo da história, aqui se entrecruzam, se (des)alinham, se (com)fundem e (per)passam a serem pensadas sob alguns matizes possíveis. O encontro de dois, três ou mais categorias da diferença podem colaborar na compreensão de alguns processos que reforçam a exclusão, a violência, mas também à azáfama de muitas/es/os sujeitas/es/os nesse processo de (des)construção.

A sistematização dos diversos recortes apresentados neste arquivo, estabelece um diálogo crítico com a deficiência e o corpo outrora biopatologizado, coadunando à intersecção entre *disability studies* e teoria *queer*, a teoria *crip*. Este espectro simbiótico do corpo-sexo-gênero com deficiência pode atualizar as instâncias do corpo (in)capaz apontando que nenhum se finaliza, mas abre em lótus quando nos (d)escrevemos. O corpo em si, se inscreve na vida e no cotidiano com as tentativas desta linguagem que o captura para formas reflexivas que intenta em inseri-lo com alguma acuidade nos textos.

Por muitos anos, tornou-se uma marca de cortesia e rigor intelectual notar ocasiões em que o racismo, a transfobia, o sexismo, o preconceito de classe ou a fluência no discurso se dão. [...] No entanto, há um silêncio estranho e realmente inexplicável quando a questão da deficiência é levantada: o silêncio é estranho, também, uma vez que grande parte das críticas em esfera política dedicou-se à questão do corpo, da construção social da sexualidade e gênero em corpos docilizados e capazes. Corpos alternativos a esse discurso são os de um(a): gay, lésbica, hermafrodita [sic], criminoso, médico, e assim por diante. Mas à espreita por trás dessas imagens de transgressão e desvio há uma figura muito mais transgressora e desviante: o corpo deficiente. (DAVIS, 1995, p. 5).

Logo, a premissa é repercutir nas discussões contemporâneas as reflexões sobre vivências que apresentam como centro o corpo LGBTI+ com (defi)ciência que ocupa a margem. Assim como os e as desviantes, incapazes, medicalizadas/os e de outras ordens da perturbação do enquadramento social e que vieram a ser excluídos, marginalizados e apagados da sociedade por sua pouca significância para o discurso normatizante e padronizador ao esperado pela estrutura social. Se a esses corpos restavam apenas a margem e a exclusão, uma vez que alguns deles enfrentavam mais de um dado “não capaz”, o cruzamento de estigmas, a interseccionalidade da dor, outrora tensionado na literatura de Erving Goffman, na finalização deste dossiê tais sujeitos trazem a subversão de seu lócus.

Para Mello & Gavério (2019, p. 49) "o corpo deficiente refere-se a ideia do corpo aleijado como perturbador, degenerado, descartável, mórbido, asqueroso, repugnante, em suma, a deficiência representa a síntese totalizante da figura do monstro". Gavério explica neste dossiê que

*crip*, que pode ser considerado uma gíria e uma abreviação da palavra *cripple*. Assim como o termo *queer*, *cripple* é considerado um termo derogatório, uma ofensa voltada às pessoas com deficiência. Como aponta McRuer neste ensaio, o termo *cripple* tem sido estrategicamente utilizado por parcelas ativistas dos movimentos de pessoas com deficiência para apontar as ordenações normativas da divisão entre indivíduos corporalmente capazes ou disfuncionais.

Em uma escrita adornada pela teoria *crip*, a distinção entre capacidade e deficiência, registrada apenas na figura do corpo deficiente, não pode ser efetivamente alcançada devido a impossibilidade de atingir a capacidade física plena, uma vez que a deficiência é parte natural do ciclo de vida, devido ao processo de envelhecimento e não fixidez apresentada por toda e qualquer vida.

Para esse dossiê, contamos especialmente com trabalhos que explorassem as possibilidades de articulação entre as vivências LGBTI+ e a experiência da deficiência na/da Educação e/ou Formação, propondo uma reflexão sobre os trânsitos teóricos e práticos que as teorias *crip* e outras de mesma abordagem permitem. Também, como na chamada iniciada em 2018, contamos com trabalhos que reflitam sobre a normatização e hierarquização de todo tipo de corpo considerado dissidente, as chamadas corporalidades dissidentes em espaços socioeducativos.

Dois autores abrigam discussão sobre “Corpos potentes que veem, corpos *freaks* que são vistos: análises sobre um corpo modificado e não-binário”. Reflexão de Márcio Alessandro Neman do Nascimento e Thi Angel. Nele ambos apresentam uma análise de uma entrevista realizada no ano de 2014 (durante a pesquisa de doutoramento do entrevistador) e analisada e escrita conjuntamente com a entrevistada em 2019 (após seis anos). No processo polifônico foi salientada a experiência do próprio corpo de Thi Angel, *performer art*, professore de História de uma escola pública periférica de Osasco-SP, que nas duas últimas décadas pesquisa sobre modificação corporal (*bodymodification*) e os diferentes usos do corpo.

“Criações e transgressões no diálogo entre transgeneridade e deficiência: entre travas e rodas” escrita de Giovanna Marafon e Roberta Piluso, *descrevem* seis episódios criados para o canal do Youtube “Entre travas e rodas”, em que uma mulher cadeirante (Ivone – conhecida como “gata de rodas”) e uma mulher travesti (Amara Moira) se

encontram e articulam suas pautas e discussões em comum, tais como: as dificuldades de transitar pela cidade, os olhares de estranhamento e a capacidade compulsória, abordando ainda questões relativas a sexualidades, transexualidade, representatividade, acessibilidade e capacitismo. As autoras lançam mão de uma perspectiva do Modelo Social da Deficiência, com uma leitura feminista pautada na abordagem interseccional, com influência das teorias *queer* e *crip*. A discussão percorrerá ainda os referenciais teóricos de autoras, como: Débora Diniz, Anahí Guedes Mello, Sara Wagner York, Robert McRuer, Amara Moira, Ana Lúcia Santos e Ana Cristina Santos.

Em “Estranhos desejos: a proliferação de categorias científicas sobre os “desejos pela deficiência””, Marco Antônio Gavério, problematiza as colocações sobre o “desejo pela deficiência” como patologias sexuais ou identitárias, propõe-se uma incursão nas terminologias e configurações biomédicas sobre o tema para compreender quais discursos são acionados quando se discrimina como “doentes” aqueles e aquelas que buscam relacionar-se eroticamente com deficientes ou que querem causar “deficiências” em seus próprios corpos.

“Frida Kahlo e uma educação inclusiva potencial” de Ana Carolina Sênos e Anna Marinna Barbará, é um artigo que teoriza sobre a narrativa da pessoa com deficiência como temática naturalizada no âmbito escolar, componente curricular na esfera social através das referências artísticas na obra da Frida Kahlo. Faz-se mister informar o conceito de deficiência que é sempre mencionado com eufemismos ou por entrelinhas pelos teóricos que investigam a obra da artista e sugerir o componente de sua orientação sexual LGBTI+ para reafirmar o corpo integral em sua obra escrita e imagética, reescrevendo uma narrativa real, despida de afirmações patriarcais da sociedade.

Em “Aleijando políticas Queer, ou os perigos do neoliberalismo”, Marco Antônio Gavério nos apresenta Robert McRuer. O professor McRuer é reconhecido como um dos teóricos que fundamentam as discussões entre teorias críticas sobre deficiência e sexualidade a partir da teoria *Crip*. Dentre suas principais obras estão “The Queer Renaissance, Contemporary American Literature and the Reivention of

Lesbian and Gay Identities” de 1997) trabalhos fundamentadores de sua reflexão sobre os processos de resistência em 2018 com “Crip Times: Disability, Globalization, and Resistance”.

Nesse sentido, apresentamos cinco textos que compõem este dossiê temático como acervo que reitera e reforça a produção *crip*. A condição legítima de vida abundante produzida por uma pessoa LGBTI, transgênero, transexual e/ou travesti-PcD intensifica formas-registro, produção de arquivo e memórias que evidenciem os aspectos deste nosso tempo. A tessitura desse dossiê conta com apoio de grandes parceiras<sup>1</sup> ao longo da ascensão pandêmica do COVID19. Neste momento somos cada dia mais empurradas à superação de tantas perdas, enquanto ainda lidamos com nossas urgências, conquistas e insistência na constância, continuidade e ampliação de direitos básicos.

#### REFERÊNCIAS:

CLARE, Eli. "Stolen bodies, reclaimed bodies: Disability and queerness." *Public Culture* 13.3. p. 359-365, 2001.

DAVIS, Lennard J. *Enforcing Normalcy: disability, deafness, and the body*. London; New York: Verso, 1995.

GONÇALVES Jr, Sara Wagner Pimenta. *Corpos transgressores: Políticas de resistências*. Campinas-SP. Pontes. 2018. In: JESUS, Danie Marcelo de/ MELO, Glenda Cristina Valin de/ TCHALIAN, Vicente/ GONÇALVES Jr, Sara Wagner Pimenta. *Corpos transgressores: Políticas de resistências*. Campinas-SP. Pontes. 2018.

MELLO, Anahi G.; GAVÉRIO, Marco Antonio. Facts of cripness to the Brazilian: dialogues with Avatar, the film. *Anuário Antropológico*, v. 44, n.1, p. 43-65, 2019.

MELLO, Anahi Guedes de. Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #ÉCapacitismoQuando no Facebook. Em N. Prata & S. C. Pessoa (Eds.), *Desilgualdades, gêneros e comunicação*. São Paulo: Intercom, p. 125–142, 2019.

---

<sup>1</sup> Agradeço imensamente a Professora Dra. Anahi Guedes de Mello pela caminhada inicial, assim como à Profa. Dra. Martha Cristina Nunes Moreira (FIOCRUZ) e Professora Ma. Francine de Souza Dias por nossas trocas e experiência durante a realização do 8º Congresso de Ciências Humanas e Saúde Pública, registrando os 40 anos da ABRASCO, realizado em João Pessoa - PB em 2019, quando discutíamos as “Gramáticas do capacitismo”. À Leandrinha Du Art, por ser parte de uma compressão facilitadora de tantas discussões e que com sua presença desestrutura tantas naturalizações.

RUBIN, Gayle. *Políticas do Sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

VERGUEIRO, Viviane. *Sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial*. Brasília: Padê Editorial, 2018.

*Sara Wagner York*

 <https://orcid.org/0000-0002-4397-891X>

